

## A UNIVERSIDADE AMBÍGUA<sup>1</sup>

## LA UNIVERSIDAD AMBIGUA

## THE AMBIGUOUS UNIVERSITY

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.52379>

Florestan Fernandes<sup>2</sup>

Darcy Ribeiro chegou aos temas da educação depois de uma longa experiência como etnólogo. Portanto, ele põe a serviço da "**inteligência da educação**"<sup>3</sup> a compreensão antropológica da cultura. Há um risco em ver alguma coisa isoladamente; mas, também, existe o risco inverso: perder de vista alguma coisa por causa do conjunto. A visão da realidade do antropólogo, que se formava em São Paulo pelos idos de 40 e 50, permitia fazer uma rotação de perspectivas. Tratava-se de procurar uma relação recíproca, em que a coisa e o conjunto se esclarecessem mutuamente. O etnólogo não procura a árvore nem a floresta. Estuda povos em sua totalidade, o que quer dizer que vê o homem como agente coletivo da produção, conservação e transformação da cultura.

A esse componente é preciso agregar dois outros, não menos essenciais. Primeiro, a maneira de conceber as coisas, de Darcy Ribeiro, é centralmente política. A questão se põe, para uns, em "termos práticos", para outros, em "termos críticos"; para ele, ela sempre aparece em "termos práticos" e em "termos críticos", passando pelo fulcro daquilo que se poderia chamar, no sentido positivo, de "interesse coletivo". Portanto, não estamos só diante de uma práxis, mas de uma práxis que transcende ao momento intelectual da consciência e se volta para fora, para realizar sua intenção transformadora no plano mais amplo da existência coletiva dos homens. Segundo, Darcy Ribeiro não foi **socializado** para ser **um** nem **o** universitário. Foi treinado como cientista social e daí passou, diretamente, para os papéis intelectuais que marcariam sua presença na sociedade brasileira: a pesquisa científica aplicada à solução de problemas educacionais, a administração racional da educação e a elaboração de políticas de educação. Portanto, o educador fica no ponto de partida, porém não se trata do educador na sala de aula - é o **reformador**, que entra em linha de conta. Ele amadurece ao longo de vários anos, realizando-se através de múltiplos projetos de ciência aplicada e de administração educacionais, para chegar à universidade pelo tope, na

posição de um reitor que tentava criar "a sua versão" - na verdade a primeira versão, ainda muito contingente - da **universidade necessária**.

Para se entender um livro como este<sup>4</sup> é necessário fazer uma biografia. Situar os vários homens e os vários tipos de intelectual que coexistem na mesma pessoa e que usam o autor para se concretizarem. Sobretudo, é indispensável não esquecer que nenhum desses homens e de tipos de intelectual foi domesticado pela variedade brasileira de "vida universitária"; Darcy Ribeiro nem como etnólogo nem como educador nem como homem de ação nunca gravitou dentro ou em torno de qualquer provincianismo universitário e, em particular, nunca se "profissionalizou" como universitário. Daí resultam algumas deficiências de suas ideias e "utopias". Mas aí reside, também, a sua força. Pois ele reflete sobre a universidade como um **ultra** que é, ao mesmo tempo, um **anti**. Se corre o risco curioso e frequente de extrapolar o universitário de sua universidade e vice-versa, ignorando e esquecendo as mazelas que a instituição infiltra no seu agente, ele pode apanhar a universidade por assim dizer no seu "estado puro", no que ela é, no que ela poderia ou no que ela deveria ser.

Vendo-se **A Universidade Necessária** desse prisma, o livro, que constitui uma coletânea de ensaios, ganha uma substância maior. Ele consubstancia aquilo que poderia ser um ponto de partida histórico, se as nações subdesenvolvidas - o Brasil, em especial - pudessem ser expurgadas do passado colonial e do estatuto do colonizado. A reflexão gira feericamente, pois a medula do ato consciente crítico e interpretativo se centra no processo de crescimento e crise das civilizações - a civilização transmitida pelos colonizadores do passado e do presente, a civilização que deveria ser construída pelos colonizados e a civilização que se elabora em surdina, a despeito de ambos, colonizadores antigos ou modernos e colonizados instrumentais ou insubmissos. A universidade entra e participa do circuito como o elo dinâmico, que em um momento trabalha como correia de transmissão das Nações centrais e, em outros, se estilhaça e se recompõe, assumindo a identidade de "necessária" na medida em que passa a operar numa faixa própria de autonomização intelectual, técnica e política das Nações periféricas. Nesses momentos, a universidade encarna a **vontade revolucionária**, como instituição-chave - concebida, mesmo, como "a única" - na superação do subdesenvolvimento, do estado colonial reconhecido ou ocultado e da dependência cultural, moral e política. Em resumo, ela é resposta nos quadros da revolução nacional do século XX, que não se abrem, apenas, para o capitalismo e o Estado-nação, já que inúmeros caminhos levam também para o socialismo, o Estado-de-transição que se deveria autodestruir e as várias soluções intermediárias ou de compromisso entre capitalismo e socialismo. O fundamental é que a universidade adquire, de novo, o **status** de instituição criadora, de foco institucional de produção intelectual original, de agência do processo de transformação incessante das civilizações. As ambiguidades do presente nascem, mesmo, da confusa situação histórica que vivemos, na qual a universidade é chamada para manter e revigorar uma civilização que deveria ajudar a destruir e, simultaneamente, a colaborar na criação de uma civilização nova, oposta à civilização em crise e, por vezes, a sua negação frontal.

A parte mais importante do livro, na maioria dos ensaios, flui nessa área de confusão e ambiguidades, vivida na periferia do mundo capitalista e, principalmente, em termos da América Latina. Não fosse a força do "elemento utópico", o vigor da identificação romântica com o futuro e a esplêndida repulsa sistemática do "estado atual das coisas" (como diria K. Mannheim), a própria ideia central de "universidade necessária" teria de ruir. As condições adversas são tantas e tão poderosas, que na verdade o que existe é aquilo com que se pode contar, fora e acima do ato de repulsa criadora, e o que se configura é a universidade vacilante, a imagem invertida da universidade revolucionária, de que carecem as Nações da periferia para enfrentarem e subverterem o subdesenvolvimento, com todas as suas sequelas e impossibilidades. No entanto, o embate de todos esses elementos adversos e das impotências que eles geram apenas fortalecem a ideia-chave, de que a "universidade necessária" está em gestação, em multiplicação e que ela encadeia o presente ao futuro como uma liberação. Assim, a "universidade necessária" aparece não apenas como uma transição: ela é o caminho entre um estado e outro, entre uma condição e outra, em suma, uma instituição revolucionária e liberadora.

O livro traz consigo, pois, uma mensagem positiva e estimulante. É o recado típico da **intelligentsia** esclarecida, responsável e revoltada da periferia: da universidade faremos a própria base de nossa ação pedagógica revolucionária e liberadora. Por meio dela, mudaremos o ritmo da história e modificaremos o processo de transformação da civilização. Ela será o nosso instrumento na luta contra a colonização cultural e por novos padrões de autonomia, em todos os níveis de organização da economia, da sociedade e da cultura. O que parece, à primeira vista, um diagnóstico pessimista e amargo, é, no fundo, uma mensagem de fé nos homens, nas instituições e na sua história: a universidade do terceiro mundo fará a revolução cultural do terceiro mundo. O subdesenvolvimento gera o seu contrário; no caso, a universidade subdesenvolvida gera a universidade autônoma, liberadora e revolucionária que a história exige.

Gostaria muito de acreditar nisso. Como preferiria encontrar uma descrição menos compacta de instituições, estruturas e funções das instituições ou da relação da universidade com a sociedade. Na verdade, tenho a impressão que o meu querido Darcy foi vitimado por uma irradiação de sua própria construção intelectual. É claro que o valor pedagógico de sua contribuição seria afetado se adotasse outro estilo de exposição. Contudo, não vejo como situar convenientemente as funções criadoras da universidade - mesmo no plano da liberação, da autonomização ou da revolução - sem antes ter estabelecido sem vacilações o quadro de referência global. Se se toma a América Latina: há várias situações históricas distintas. Fala-se de Cuba socialista? Ou do Chile pinochetista? Ou do Haiti? Entre os extremos, colocam-se várias oscilações. No Brasil, vi-me na contingência de defender a ideia da "universidade multifuncional" como um avanço relativo, porque esse era um artifício para unir várias forças que combatiam o legado da escola superior isolada, com sua impulsão pulverizadora e imobilizadora. No entanto, mesmo essa ideia pareceu arrojada e subversiva para os círculos conservadores, dominantes do aparelho do Estado, nas classes burguesas e na própria universidade... Essa experiência ensinou-me que é preciso pensar claro, começando-se por enunciar-se explicitamente

os princípios extra-educacionais do que se tem em mente e se procura atingir na esfera educacional. A esperança de que, através de reformas graduais, pode-se estabelecer um circuito mais amplo de transformação revolucionária, não passava de uma esperança, muito bem aproveitada, primeiro pelo radicalismo burguês (dentro e fora do "populismo"), depois pelo "desenvolvimentismo" e, agora, pela ditadura burguesa sem máscara. Ou se tem em vista a defesa do capitalismo ou a instauração do socialismo. Não há uma pedagogia revolucionária que se aplique a ambos e, muito menos, que possa servir de ponte na possível transição de um a outro. O combate ao subdesenvolvimento pode ser conduzido nos dois terrenos. Contudo, não há mais, em nossos dias, como compatibilizar **democracia burguesa** com **pedagogia revolucionária**. A pedagogia que se chama "liberal" e "democrática" tornou-se ultrarreacionária na América Latina. Ela converte a universidade em um bastão da contrarrevolução e num santuário do obscurantismo. Por isso, a ambiguidade da teoria geral da "universidade necessária" suscita reparos críticos inevitáveis.

De outro lado, um bom "modelo", por "utópico" que ele seja, pode ser instrumental em várias direções. O próprio livro de Darcy Ribeiro contém reflexões instrutivas. A estrutura da Universidade de Brasília está se generalizando. Todavia, os princípios diretores de sua "reforma" se ossificaram ou desapareceram. O que vemos, pois? A fórmula se aplica em outro contexto, e, em meu entender, na consagração daquilo que a "universidade brasileira" nunca deveria ser... Tudo isso nos ensina que devemos tomar cuidado com as instituições e, quanto às instituições-chaves, devemos colocá-las de quarentena. O movimento reformista, e o processo revolucionário podem chegar às instituições e, inclusive, atingir as instituições chaves antes de se tornarem visíveis e irreversíveis na sociedade como um todo. Quando isso ocorre, as instituições experimentam **antecipadamente** certas mudanças, chegando a irradiá-las de dentro para fora, isto é, de seu campo de forças sociais para o campo de forças sociais da sociedade global. Pensou-se que isso estaria prestes a acontecer na América Latina. Mas, excetuando-se Cuba, o diagnóstico foi prematuro. O campo de forças que predomina na universidade é o mesmo que predomina na sociedade global - ultrarreacionário e contrarrevolucionário, mesmo em confronto com os requisitos legais da democracia representativa. Numa situação histórica dessa natureza, e pedagogia é um luxo; e a pedagogia revolucionária é contraproducente. A sociedade não se abre nem para as reformas "radicais" nem para a "revolução dentro da ordem", mais ou menos típicas e igualmente necessárias à democracia representativa. Ao contrário, ela "fecha a história" a tudo que não se coadune com o desenvolvimento com segurança (ou seja, a continuidade do **status quo** sob fortes mudanças controladas pelo poder conservador). O que quer dizer que a universidade se exclui da arena histórica seja como "força reformista", seja como "força revolucionária", pois ela não pode ser nem uma nem outra coisa. Seria injusto insinuar que Darcy Ribeiro ignore essa massacradora realidade, que não é de um país e tampouco chega a ser exclusiva da América Latina: já que se trata de uma realidade imposta em escala mundial pela crise da civilização industrial, na era de fastígio e declínio do capitalismo monopolista. O que me preocupa é que ela não transparece como devia na teoria geral da "universidade necessária". E acima de tudo, que não foi posta em relevo a conclusão principal: por enquanto e, talvez,

ainda por muito tempo, os impulsos para a "reforma radical", a "revolução dentro da ordem" e a "revolução contra a ordem" terão de ser procurados e brotar fora das universidades e, muito provavelmente, na massa dos excluídos e dos marginalizados, que sequer chegam a ter um lugar em suas mentes ou em suas aspirações para a universidade. Esta se encontra tão enredada com os privilégios econômicos, sociais, culturais e políticos, que o "necessário" vem a ser acabar com ela, para em seguida começar tudo de novo.

Essas ponderações não pretendem submeter um livro tão lúcido e construtivo como **A Universidade Necessária** a um questionamento negativo ou restritivo. Mas, apenas, esclarecer a posição pessoal de alguém que acha que esse grande livro inicia uma evolução de outro tipo, que nos lança na conquista do futuro. Em um momento de crise de civilização não há como atalhar a crise das instituições, principalmente das instituições-chaves. Os dilemas históricos que se impõem têm de obedecer a uma lógica própria. Os saltos mais ou menos abruptos tendem a prevalecer, forçosamente, sobre as continuidades culturais. Em consequência, as "melhores soluções" são sempre provisórias e contingentes, não podendo aspirar à validade geral e absoluta ou à longa duração, como implica o pressuposto de uma "utopia". E se, de fato, avançamos para uma evolução de outro tipo, é de esperar-se o advento de uma mentalidade pedagógica e de uma administração de espírito igualitário, antielitista e que deixe um lugar crescente para a cogestão na vida cotidiana da universidade. O educador que "educa os outros" e o reformador que "reforma para os outros" são entidades condenadas ao desaparecimento. Daí as ponderações, que visam transcender ao imediatismo estreito do presente e às limitações intrínsecas à "universidade ambígua" que conhecemos, para situar o debate no plano mesmo em que a universidade deixa de ser uma "privação necessária", para ser comum e de todos.

---

### Notas

<sup>1</sup> O presente escrito foi destacado da obra: FERNANDES, F. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo, Alfa-Omega, 1975, p. 263-269. (preservamos a escrita desta publicação). Encontra-se também o texto publicado na Revista Contexto, Nº1, pp. 115-118 e, recentemente, a editora Expressão Popular, numa belíssima edição no ano de 2020, republicou este escrito, referenciado da seguinte forma: FERNANDES, F. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2020. p.381-389. Agradecemos a Expressão Popular, que detém a reserva dos direitos sobre a obra, por conceder gentilmente a autorização para publicarmos.

<sup>2</sup> (1920 – 1995) Doutor em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP); antropólogo, escritor, militante político e professor. Com uma atuação sempre comprometida com as classes subalternas, suas obras resgataram a organização social dos indígenas, enfrentaram o mito da "democracia racial", defenderam de forma veemente a educação pública e demonstraram a necessidade da Revolução Socialista.

<sup>3</sup> Optamos por manter os destaques em negrito assim como aparecem na edição da Alpha-Omega que utilizamos.

<sup>4</sup> Darcy Ribeiro, *A Universidade Necessária*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, segunda edição revista e ampliada, 1975, 307 pp. (nota do escrito original)

Recebido em: 20 de dez. 2022

Aprovado em: 28 de dez. 2022